TEILHARD EM PORTUGAL Hoje

Boletim da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

FEVEREIRO - JUNHO 2009 ANO III Nº 9

SUMÁRIO:

✓ **DARWIN / TEILHARD**

✓ **Teilhard de Chardin**
«par lui-même»
Les Directions et Conditions de l'Avenir

✓ **EU CONHECI Teilhard**
Émile Rideau s.j.

✓ **LENDO sobre Teilhard**
Gérard-Henri Baudry

✓ **Sobre o Estado Universal**
Adriano Moreira

✓ **AAPTCP – actividades**

✓ **LIVROS de e sobre Teilhard**
(à venda na AAPTCP)

✓ **ORANDO com Teilhard**
« Le Milieu Divin »

✓ **LA PENSÉE de Teilhard**

Ω

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal
R. Vila Catió, 397 – 6.º esq.
1800-348 LISBOA
teilhard.portugal@sapo.pt
www.teilhard-world.com

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos

EDITORIAL

DARWIN / TEILHARD DE CHARDIN

Quando, na primeira década do século XX, Teilhard de Chardin começa a fazer a sua opção de carreira científica, ainda perdurava o clima de polémica que a publicação, em 1859, de "A Origem das Espécies", de Charles Darwin, tinha suscitado. Nos meios académicos, o assunto era abordado nos seus diversos ângulos, sendo que aos jovens jesuítas em formação não escapavam as implicações religiosas que estavam no centro de tais polémicas, além do mais atravessadas pelas suspeitas que a crise modernista suscitava nos meios integristas católicos. No ambiente de discussão aberta que era permitida aos jovens em formação nos institutos jesuítas, sabe-se que Teilhard foi alargando o seu interesse pelo tema da evolução, marcadamente despertado pela leitura de *Evolução Criadora*, de Bergson, possivelmente antecedida da leitura da *Filosofia Zoológica*, de Lamarck, que havia sido publicada em 1809, ano em que Darwin nasceu. Não é de excluir que essa curiosidade sobre a evolução tivesse inclusivamente passado pela leitura de Buffon, que em meados do século XVIII já se havia debruçado sobre a problemática da «cronologia geológica e da origem das espécies», ou de Jean-Baptiste Robinet, que fora colocado no Índex do Santo Ofício, em 1762, por ter afirmado, na sua *Acerca da Natureza*, que a «natureza no seu trabalho de parto avança tacteando em direcção ao homem», nem certamente era ignorado que já o avô de Darwin, o médico e naturista Erasmo Darwin, descreveu, na sua obra *Zoonomia*, o «desenvolvimento progressista do reino animal sob a influência das causas exteriores», o que lhe valeu ser em 1817 igualmente colocado no Índex (citados por Jacques Arnould, na sua obra *Darwin, Teilhard & Cie*, Desclée de Brouwer, 1996).
A visão que Teilhard de Chardin veio a construir do fenómeno 'evolução', sem dúvida, teve por base todos os conhecimentos científicos que, sobre a matéria, se foram afirmando com cada vez mais rigor, mas não se pode esquecer que o grande impulso para esses progressos veio da obra de Darwin, que Teilhard conhecia e em que baseou muitas das suas concepções. Estas, a partir de certo momento, tomaram um rumo diferente, como, com toda a nitidez, se pode apreender em "O Fenómeno Humano", a obra em que ele pretendeu fazer passar por completo a sua visão de síntese entre o fenómeno observável e a sua interpretação mística, à luz da existência dum fio condutor transcendente para a evolução.
Não surpreende, pois, que Teilhard não tenha falado muito de Darwin (se o fez, pelo menos não se encontram nos seus escritos muitas referências a ele). Num artigo de 1930, intitulado «Que faut-il penser du Transformisme?» ('transformismo' era o termo então usado para designar a evolução dos seres vivos) e publicado na "Revue des Questions Scientifiques", viemos encontrar uma dessas escassas referências. Por esse motivo e também pelo interesse da exposição dos seus pontos de vista nesta matéria, aqui reproduzimos um pequeno excerto do artigo, traduzindo-o a partir do Tomo 3 das Obras Completas, pág. 213-215, onde ele foi recolhido:

> « Ouve-se muitas vezes dizer, de há alguns anos a esta parte, que o Transformismo está em declínio. Mas, de facto, este desfavor não afecta senão certas formas particulares de transformismo, nas quais a ideia evolucionista essencial se encontra associada, seja a explicações particulares, seja a certas concepções filosóficas como o Darwinismo (selecção natural), o Lamarckismo (adaptação sob a acção do meio) e, mais genericamente, todas as teorias simplistas que pensam reduzir o desenvolvimento da Vida a algumas linhas de evolução simples, percorridas por um movimento uniforme sob a influência de factores puramente mecânicos (Transformismo do tipo haeckeliano). Com efeito, nenhuma destas várias teorias particulares é actualmente considerada suficiente, porque todos os dias a Vida nos aparece cada vez mais complicada. [...] Subjacente às teorias transformistas particulares (úteis, mas precárias), é preciso observar com cuidado que existe uma 'concepção' transformista do Mundo e que esta marca visivelmente uma orientação definitiva do pensamento humano. Se esta orientação, simples e legítima, for bem entendida, *ser transformista, no fundo, é pacificamente admitir que podemos fazer a história da Vida*, como fazemos a história das civilizações humanas ou a da Matéria. Toda a realidade experimental é, por natureza, histórica (narrável). Porquê, e por que prodígio inconcebível, a Vida escaparia a esta condição universal? »

«LES DIRECTIONS ET CONDITIONS DE L'AVENIR»

(tradução da última parte "Conclusion", *pág. 268-9, T.5)*

Bem feitas as contas, como se estabiliza a balança entre as diversas influências «por e contra»? Ou seja, no dilema colocado biologicamente ao nosso grupo zoológico (unir-se ou morrer), em que sentido, mais do que noutro, podemos nós admitir que a indeterminação essencial da aventura humana tende a resolver-se?

[...] Quanto mais observamos o passado, através de milhões de anos, e a marcha constantemente ascendente da Vida, quanto mais pensamos na imensidão sempre crescente de seres reflexivos implicados na edificação da Noosfera, também mais sentimos crescer em nós a convicção de que, por uma espécie de «infalibilidade dos grandes números», a Humanidade, frente actual da onda evolutiva, não pode deixar, ao longo dos seus tacteios dirigidos, de encontrar o bom caminho e algum ponto de emergência para o alto. As liberdades, por jogo concertado e quanto mais numerosas forem, longe de se neutralizarem pelo efeito da multidão, rectificam-se e corrigem-se quando se trata de avançar numa direcção para que estão interiormente polarizadas. Eu, não ao acaso, mas antes por cálculo ponderado, aposto sem hesitar no triunfo último da Hominização sobre todas as probabilidades más que ameaçam o progresso e a sua evolução.

Para um cristão (sob a condição, no entanto, de que a sua Cristologia reconheça na consumação colectiva duma Humanidade terrestre não um simples acontecimento indiferente ou mesmo hostil, mas sim uma condição prévia ao estabelecimento final, «parusíaco», do Reino de Deus), – para um tal cristão, dizia eu, o sucesso biológico final do Homem sobre a Terra é, não somente uma probabilidade, mas uma certeza: uma vez que o Cristo (e n' Ele virtualmente o Mundo) já está ressuscitado. Esta certeza, contudo, derivada como é dum acto de fé «sobrenatural», é de ordem supra-fenomenal, o que, em certo sentido, faz com que subsistam no crente, ao seu nível, todas as ansiedades da condição humana.

EU CONHECI Teilhard

Para os amigos de Teilhard de Chardin é sempre grato reencontrar pessoas que o conheceram pessoalmente e que puderam dar testemunho dessa experiência. Émile Rideau, padre jesuíta contemporâneo de Teilhard, falecido em 1981, é uma dessas pessoas. Nos anos seguintes à morte de Teilhard de Chardin, publicou diversas obras tratando o assim chamado à época "fenómeno Teilhard". Entre essas obras, conta-se "Teilhard, oui ou non?", *editada em 1967 na Librairie Fayard, Paris e que, entre nós, foi editada em português nas Edições Paulistas, em 1969, com o título* "A favor ou contra Teilhard". *Neste livro, Rideau faz uma minuciosa leitura da obra e do pensamento de Teilhard de Chardin, aprofundando o alcance inovador das suas sínteses sem, contudo, deixar de analisar os aspectos mais audaciosos e as expressões de cariz poético que vieram a suscitar polémica. Logo no prefácio nos diz: "É, evidentemente, um livro de* simpatia *e, como muitos outros, o seu autor deixa-se prender pela sedução e pela graça que emanam duma personalidade excepcional, de quem muito recebeu. De perto ou de longe, confraterniza com todos os que no mundo se entusiasmam com o Padre Teilhard de Chardin. Simultaneamente, queria dizer-lhes que têm razão em apaixonar-se por ele, em aprofundar e meditar o seu pensamento, e quereria também desejar-lhes que vão mais longe ainda e consintam na revolução das suas existências que essa meditação implica.»*
Quando, no segundo capítulo, aborda a biografia de Teilhard de Chardin, reflectindo sobre a riqueza das suas diversas fases, fá-la anteceder do testemunho pessoal da sua amizade por ele, que durou por toda a vida. Eis, pois, esse trecho:

> «Foi em 1930 que o encontrei pela primeira vez. Em plena maturidade, estava então no auge da glória, depois da descoberta do Sinantropo, na qual havia tomado parte. As coisas não me corriam bem; estava cheio de dúvidas sobre a minha vocação, hesitava em prosseguir. Tal como havia feito com tantos outros, escutou-me com bondade, fez-me entender a possibilidade de, simultaneamente, ser plenamente homem e cristão, de servir Deus e o Mundo, de me libertar no sacrifício. Sobrevivi e retomei coragem. Saindo também ele de uma crise, tinha conseguido a unidade da sua vida, totalmente devota à Ciência e a Cristo.
> Era sedutor, simples, leal e justo; perfeitamente humano, deixava adivinhar a profundidade e o segredo da sua vida interior, queimada por um fogo, animada por uma imensa paixão. Procurava comunicar a sua mensagem que antes calava: tornei-me um dos seus amigos.»

A fechar essas notas biográficas, depois de referir a explosão de interesse suscitado pela publicação das obras de carácter filosófico e místico de Teilhard logo após a sua morte, Rideau conclui: «Se o interesse por Teilhard se torna universal, a discussão, contudo, incendeia-se sobre o seu pensamento, com diversas tomadas de posição, especialmente entre os teólogos, – e ainda se mantém acesa. Se o Santo Ofício publica em 1962 um esclarecimento sobre a obra de Teilhard, é de notar que o Concílio não só se abstém de toda a condenação como adopta implicitamente uma parte do seu espírito, se não das suas teses, convidando os cristãos a uma atitude positiva para com os valores humanos. O futuro dirá o que permanece de essencial na sua mensagem.»

(Émile Rideau, s.j., *"A favor de Teilhard ou contra"*, Ed. Paulistas, Lisboa, 1969)

"Le Corbusier e Teilhard de Chardin"

Gérard-Henry Baudry *é padre e doutor em teologia, com uma vasta obra sobre Teilhard de Chardin, já por mais do que uma vez citada nestas páginas.*
Em Abril de 2007 deu, na Igreja de Firminy, França, uma conferência integrada no colóquio internacional "Le Corbusier, Marie-Alain Couturier, Pierre Teilhard de Chardin, trois visionaires du XXe siècle"*, cujo texto vem inserido no último número da Revista da Associação Francesa Teilhard de Chardin,* Teilhard Aujourd-hui, nº 29, Março de 2009. *Nessa conferência, Baudry tece uma aproximação da simbólica do cone em Teilhard de Chardin com a da forma da Igreja de Firminy, projecto de Le Corbusier realizado na década de 60*[1]*. Depois de descrever as simbólicas historicamente ligadas aos templos, como a* imago mundi*, incluindo a solar, termina propondo uma nova simbólica para uma nova cosmologia, onde o cone ocupa o centro dessa reflexão. É desse fecho da conferência que transcrevemos os extractos que se seguem, em tradução da nossa responsabilidade.*

Para uma nova cosmologia, uma nova simbólica

Teilhard escolheu a imagem do cone porque ela lhe permite ilustrar a visão do mundo e do homem segundo um esquema simbólico claro. Retomo-a em traços largos, à medida que assinalarei as etapas principais. A sua visão constrói-se a partir do facto da evolução: o mundo não é nem estável, nem imutável, nem cíclico. Não é um cosmos na linha das concepções antigas, é antes uma cosmogénese, um mundo em devir, em evolução. Mas não de um tipo qualquer. Esta evolução não é cega, ela tem um sentido, uma direcção. É um movimento dinâmico e convergente. É por isso que a podemos representar pela imagem do cone, cujas generatrizes partem duma base larga e se reúnem no vértice.
A base representa o múltiplo, a matéria, cujas partículas elementares vão agrupar-se, organizar-se em sistemas fechados, cada vez mais complexos e centrados, ao sabor do jogo dos grandes números. Contudo, este jogo não é abandonado ao puro acaso. Opera-se uma selecção no sentido duma centro-complexidade crescente. É assim que a vida vai aparecer, logo que a matéria é elevada a um altíssimo grau de organização. Teilhard, como sabemos, vai privilegiar este eixo que descreve a ascensão da vida, depois da consciência até ao homem, até ao ultra-humano, e, finalmente, até ao que ele chama o ponto Ómega, cume postulado do movimento de convergência. Se considerarmos a imagem do cone, o ponto Ómega corresponde, obviamente, ao vértice do cone, ao seu cume. Ora, esta ascensão em direcção ao improvável, isto é, a emergência e o crescimento do espírito, apresenta-se como o inverso duma outra trajectória temporal que descreve a inelutável desorganização pela qual a matéria se dissolve e a energia se neutraliza: a entropia. Para Teilhard, lemos o universo ao contrário, se nos

[1] O título da Conferência é *"L'Église, symbole cosmique au coeur de la cité des hommes"*, pretendendo o título colocado por nós (*"Le Corbusier e Teilhard de Chardin"*) ser apenas sugestivo da síntese de simbólicas ali proposta e do conhecimento que o célebre arquitecto tinha do pensamento do jesuíta seu contemporâneo.

contentarmos em decifrar apenas a linha descendente da entropia. Para uma leitura correcta e para compreender o verdadeiro sentido da evolução, é preciso seguir o eixo da subida de consciência, o eixo da centro-complexidade. Na imagem do cone, podemos representar este eixo pela vertical que sai da base para o vértice. [...]

A imagem do cone simboliza, pois, a cosmogénese e a antropogénese. Mas há que ter em conta que este movimento de convergência está em curso, não está terminado. Dito doutra maneira, o ponto de convergência situa-se no futuro. Do nosso ponto de vista, ele é virtual. Chegámos a uma determinada secção do cone aberta para o futuro. Para nós, portanto, a imagem do cone está truncada, aspirando a um futuro hipotético. Porquê? Porque o futuro do homem está nas suas próprias mãos. Com o homem, trata-se da emergência duma energia livre no seio dos determinismos. Esta revolução antropológica transforma a evolução da Humanidade em auto-evolução. O movimento de unificação e convergência da Humanidade não está adquirido antecipadamente. Devido à liberdade humana, insisto, o futuro permanece aberto a todas as possibilidades. O cone humano-cósmico permanece truncado na expectativa dum cume... Neste ponto da história humana, o ponto ómega do cume do cone é ainda virtual. Tal como o simboliza a Igreja de Firminy, a nossa história humana aparece semelhante a um cone truncado, aberto ao futuro. [...]

Para nos mantermos no esquema do cone simbólico, temos agora no seu cume um Ómega, que tem um duplo significado: o Ómega virtual que é o ponto de convergência futura da Humanidade, logo hipotética; e o Ómega transcendente que é a razão última da cosmogénese. O simbolismo do cone não exprime apenas a relação do homem com o cosmos, mas também a relação do homem com Deus. Assim sendo, todos os crentes em Deus podem seguir Teilhard. Mas o nosso pensador, como se sabe, não pára por aqui. Como cristão, integra a visão cristã de um Deus que é Amor, dom de si absoluto, que se exprime nas relações trinitárias que se manifestam na criação do mundo, criação essa que permite a emergência de pessoas livres, portanto capazes de amar, a qual se revela sobretudo na Incarnação do Verbo na Humanidade, permitindo a divinização do Homem, aquilo a que Teilhard chama «as três faces da Cristogénese» (Tomo X). [...]

Assim, a imagem do cone truncado, como é a Igreja de Firminy, simboliza a abertura, a presença de dois movimentos, um ascendente, o outro descendente: dum lado, a Humanidade, impulsionada por Cristo, está em marcha no sentido do seu acabamento final em Deus, marcha que ela pode aceitar, inflectir ou recusar, visto ser livre; do outro, a atracção permanente de Deus, o apelo à união amorizante de Deus, ou, para utilizar um vocabulário mais tradicional, o dom permanente da «graça divina».

Eis como interpreto pessoalmente, com a ajuda da simbólica teilhardiana, a estrutura arquitectural inovadora da Igreja de Firminy, que me parece corresponder bem à nossa visão cosmológica dum mundo em evolução convergente. Terminarei com uma observação que não terei tempo de desenvolver aqui, e que pode resumir-se deste modo: a mudança de simbólica, imposta pela mudança da nossa visão do mundo e do homem, não é senão um aspecto da mudança que devemos operar nas nossas representações de Deus e dos dogmas cristãos. Problema vasto! Obra vasta! Isto faz-me pensar no título dum livro de Le Corbusier: *«Viagem ao país dos tímidos»*. Estaremos ainda no «país dos tímidos»? Receio-o bem, mas espero que surjam novamente homens lúcidos e corajosos como Le Corbusier e Teilhard de Chardin.

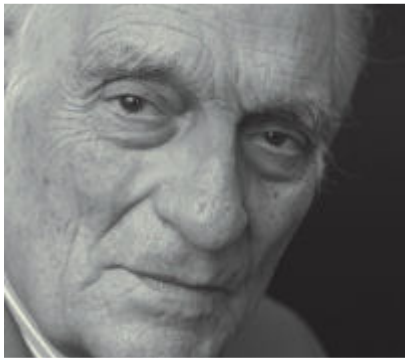
(Gérard-Henri Baudry)

Sobre o Estado Universal[2]

Adriano Moreira

1. O tema que me foi confiado, nesta série de conversas sobre o pensamento de Teilhard de Chardin, resulta-me facilitado pela intervenção precedente de Madame de Wespin, na medida em que ela leu os textos relativos a este problema. Esses textos, que são hoje constantemente citados e que sugerem a ideia dum Estado planetário ou universal, são os que exprimem os elementos essenciais do pensamento de Teilhard de Chardin.

A fim de fixar alguns pontos de referência sobre este problema do Estado universal e sobre a situação actual, na medida em que constitui uma preocupação dos homens do nosso tempo, será talvez bom lembrar a distinção estabelecida por um homem que não acredita na paz futura dos homens, Toynbee (pois ele pensa antes que a evolução do género humano é caracterizada por um sistema de agressão e de resposta entre os sistemas culturais), ou seja: a distinção entre a era «pré-gâmica» e a era «pós-gâmica», isto é, a história da humanidade histórica de Vasco da Gama até à viagem depois da histórica viagem e a história da humanidade consideramos este ponto de de Vasco da Gama. Nós com uma imparcialidade a referência, que ele fixou que nós, portugueses, não estamos habituados, como fundamental para a compreensão do nosso tema porque – e não se trata certamente de pura coincidência – é sobretudo a partir do século XV, no momento em que os portugueses começam a fazer a demonstração da unidade do género humano, que aparecem os primeiros grandes projectos de paz universal. Eis um tema que não foi estudado do ponto de vista da ciência política, mas há aí uma coincidência que não pode deixar de impressionar vivamente o nosso espírito: é que é precisamente em paralelo com esta primeira tomada de consciência com todos os ramos da espécie humana, marcada pela viagem de Vasco da Gama, que surgem os primeiros grandes projectos de congregação do género humano sob o signo da paz.



Parece que o verbo terá também escolhido uma ocasião útil de se manifestar e, nestas matérias, encontramos sempre, lado a lado, os profetas, os percursores e os mestres. É precisamente um problema que oferece um certo interesse a propósito do pensamento de Teilhard de Chardin, o de saber em que categoria o podemos classificar, se entre os profetas ou os percursores; certamente que não, neste caso, entre os mestres. Mas ele pertence, sem nenhuma dúvida, à grande família desses homens que, a partir do século XV, nas vésperas da viagem conclusiva de Vasco da Gama, se preocuparam com o problema da paz universal, naturalmente com os antecedentes como o de Pierre du Bois (1306). E é curioso que o seu pensamento se tenha tornado numa força viva do nosso tempo, precisamente no momento em que a era gâmica parece chegar ao fim para ceder lugar à era interespacial. Há como que uma filiação comum, uma corrente subterrânea que, ao longo dessa era gâmica, percorre o pensamento da humanidade para reaparecer com força na nossa época, onde precisamente acaba uma era e começa outra.

Esses projectos que vou mencionar, a título de simples lembrança, apenas servirão de factos para tentar definir um certo número de conceitos operacionais necessários à compreensão do problema. Isto significa que não me proponho fazer-vos um relato exaustivo. Procurarei, somente, fazer uma exposição significativa de factos históricos que nos ajudará a compreender os conceitos operacionais.

---

[2] Conferência proferida (em francês) no Colóquio "Teilhard de Chardin e a Unidade do Género Humano", organizado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, com a colaboração da Société Pierre Teilhard de Chardin e o Centro Português de Estudos Europeus, que se realizou nos dias 2 a 6 de Maio de 1965

Um dos projectos mais significativos do século XVII, se deixarmos de lado o precedente e importante projecto do rei Jorge da Boémia, de 1462, e também a inquietação de Erasmo, que foi já cognominado do primeiro europeu e que chamava a atenção para a necessidade de tomar, antes de tudo, consciência da unidade cristã a fim de que fosse possível atacar os Turcos, é uma obra de 1648, intitulada *A Nova Cynea, ou discurso de Estado expondo as ocasiões e os meios de estabelecer uma paz geral e a liberdade de comércio em todo o mundo. Aos monarcas e aos príncipes soberanos deste tempo.* Este projecto, cujo autor é Emeric Crucé, recomenda, com vista à instauração duma paz universal, o recurso a dois métodos fundamentais: antes de mais, a arbitragem; seguidamente, o estabelecimento duma sociedade de Estados cuja descrição evoca, sensivelmente, o que hoje chamamos a Carta das Nações Unidas. O autor escrevia que seria necessário escolher uma cidade onde todos os soberanos manteriam em permanência os seus embaixadores. Assim, as divergências que pudessem sobrevir seriam resolvidas por sentenças de toda a assembleia. Um pouco mais ambicioso que as Nações Unidas, o autor não se contentava com a regra da maioria de dois terços para os casos graves: ele exigia a unanimidade de votos dos soberanos. Este homem era professor, não sabemos exactamente onde, obscuro e mal estimado, tal como o projecto a que se consagrou.

O segundo grande projecto do século XVII é o de Sully. Coisa curiosa, se ignoramos onde pregou ou mesmo onde ensinou Emeric Crucé, quanto a este projecto de Sully não se encontra ele redigido em parte nenhuma. É igualmente curioso constatar, a título de coincidência, que o texto original da primeira base da organização mundial do nosso tempo para o estabelecimento da paz que é a Carta do Atlântico, não se encontra igualmente redigida em parte alguma. Nunca foi possível encontrar o original. Ora, esse grande projecto que animou os pensadores da ciência política do século XVII não foi, do mesmo modo, redigido duma maneira sistemática. Conseguimos deduzi-lo das memórias de Sully e dos comentários que nos deixou. Este projecto esforçava-se igualmente por estabelecer (isto em 1638) uma Liga ou Confederação de Estados, em primeiro lugar como meio de resolver os conflitos entre os soberanos e, em segundo, como um concerto europeu, destinado a assegurar o equilíbrio entre as potências.

O terceiro grande projecto do século XVII é o *Despertar Universal*, de Amos Comenius, natural da Morávia, e data de 1645. Este homem propunha, para garantir a paz permanente no mundo, as seguintes condições: um sistema escolar aperfeiçoado sob a direcção de uma espécie de academia internacional, missão que, na nossa época, procurámos confiar à UNESCO; a coordenação política sob a direcção de instituições internacionais, espécie de antecipação da prática hoje consagrada em instrumentos tais como a Organização Mundial de Saúde, ou o B.I.T., por exemplo; a reconciliação das Igrejas separadas por meio da convocação de um concílio ecuménico. Isto em 1645

Finalmente, o quarto grande projecto do século XVII é o de William Penn, um dos raros pensadores políticos do mundo que teve a ocasião de aplicar as suas ideias com sucesso e, por conseguinte, com mais felicidade do que o seu colega Platão. Este homem fundou em 1681, na Pensilvânia, território que ele tinha obtido por doação de Carlos II, e é durante o interregno do seu governo que ele escreve acerca do futuro da paz na Europa. Para resolver os conflitos entre países, propunha a criação dum Parlamento mundial no seio do qual cada país disporia dum número de votos em função da sua importância. E é curioso constatar que, por entre todos esses autores, cujo pensamento parece determinado pela revolução que começou com a era gâmica, é o único que faz alusão a Portugal, ao qual ele reserva a modesta participação de três votos neste concerto universal ou nesta Sociedade das Nações que se propunha organizar para assegurar a paz.

Terminado o século XVII, à parte o projecto que todo o mundo conhece e que é frequentemente citado, muito mais do que todos os que acabo de mencionar, ou seja, o do abade de Saint-Pierre intitulado *Paz Perpétua*, não se encontra, ao longo dos séculos seguintes, nenhum projecto de paz universal que seja digno de nota. A propósito de Saint-Pierre e do seu trabalho, refira-se que, ao preconizar a criação dum parlamento mundial, afirmava que, em vista das condições predominantes à época no mundo, esse parlamento não poderia ser instituído

senão daí a 200 anos. Efectivamente, por coincidência, foi 200 anos mais tarde que foi fundada a Sociedade das Nações.

2. Esta estirpe de homens, que parecem todos inspirados pela unidade do género humano, encontrou a oposição dalgumas circunstâncias fundamentais. Em primeiro lugar, todos eles são pensadores europeus; em segundo lugar, utilizam apenas uma experiência europeia; em terceiro lugar, quando falam de paz perpétua, eles não falam em realidade senão de paz da Europa. Resulta daqui que a experiência portuguesa não foi para eles de nenhuma ou quase nenhuma utilidade, pois, sendo a sua experiência política limitada ao continente europeu, é em relação às potências europeias que procura elaborar projectos com vista a eliminar para sempre a guerra como instrumento de resolver os conflitos entre os povos. E desta limitação, desta fraqueza que consiste em rejeitar ou ignorar a experiência doutros povos, doutras latitudes, nunca mais a Europa se conseguiu curar, compreendendo os Portugueses a quem se deve o advento da era gâmica, que durou até aos nossos dias em que assistimos ao começo da era interplanetária; com efeito, não se encontra nas nossas universidades, nas nossas tradições de investigação ou de ensino, nenhuma tentativa de investigação sistemática das concepções do mundo e da vida dos povos com os quais entrámos em contacto e reside aí um dos males contra os quais o pensamento de Chardin nos adverte. O perigo do etnocentrismo que correm os anti-racistas reside no facto de, sendo anti-racistas, sendo pela igualdade do género humano, interpretam esta igualdade no sentido de que a sua concepção particular do mundo e da vida é excelente para todos e rejeitam a dos outros. Esta fraqueza, como disse, nunca pôde ser eliminada da experiência europeia. Em todo o caso, tratava-se de sistemas que se inspiravam indubitavelmente da linha de orientação da igualdade do género humano. Mas tinham igualmente contra eles uma outra grande fraqueza: é que existia uma outra tradição, igualmente europeia, igualmente cristalizada na época, igualmente contemporânea do início da era gâmica, que era a tradição maquiavélica. A tradição maquiavélica não se preocupava com a paz perpétua entre os povos; não se preocupava com a igualdade das nações ou da resolução dos conflitos por consentimento mútuo; pelo contrário, ela preocupava-se com o desenvolvimento e o reforço de cada Estado, em defesa dos seus próprios interesses. E existe talvez um facto significativo, que traduz bem a contradição entre estes dois pensamentos: no momento em que a experiência da era gâmica se expandia largamente, um comentário feito por Frederico II numa carta dirigida a Voltaire, dizia, a propósito do projecto de paz perpétua do abade de Saint-Pierre: «O abade de Saint-Pierre, com quem tenho a honra de me corresponder, enviou-me uma bela obra sobre a maneira de restabelecer a paz na Europa. A coisa é possível: para tal, basta obter o consentimento da Europa e umas tantas outras pequenas bagatelas.» O cepticismo dum chefe de Estado que foi uma figura de proa da sua época, exprimia a outra tendência já afirmada no momento da era gâmica, cristalizava uma das nossas possibilidades europeias de acção. E, efectivamente, em vez de nos orientarmos no sentido definido pelos doutrinários da paz universal para tentar realizar a igualdade efectiva do género humano, a descendência que consagrámos à direcção política dos Estados europeus foi a descendência de Machiavel.

Tudo isto ajudar-nos-á talvez a compreender melhor o que se passa na nossa época em relação ao tema do Estado universal.

3. Antes de mais, gostaria de recordar que a expressão «Estado universal», entre muitos outros sentidos, tem pelo menos dois que são fundamentais para a compreensão do nosso tema e, por consequência, para a determinação das possibilidades de ver concretizar na realidade a tomada de consciência da unidade do género humano à qual Chardin faz alusão, essa moral internacional efectiva, de que igualmente ele nos fala. Num sentido, entendemos por Estado universal o Estado que exerce um poder político em relação a comunidades culturais diferenciadas. Por conseguinte, o Estado universal opõe-se neste sentido ao Estado cujo poder político é exercido em relação a comunidades culturais homogéneas.

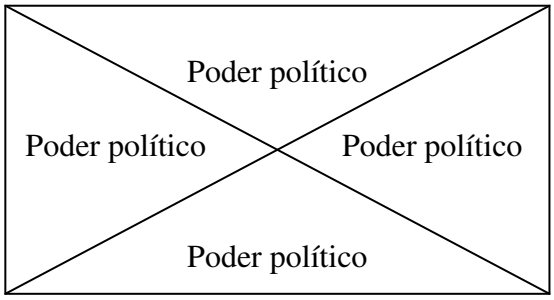
Num outro sentido, o Estado universal confunde-se com o Estado planetário. Na realidade, reside aqui o desenvolvimento lógico do primeiro sentido; dito doutra forma, tratar-se-ia duma qualquer espécie de autoridade a exercer sobre todo o planeta; por consequência, seria uma espécie de Estado exercendo a sua autoridade em relação a grupos culturalmente

diferenciados. A nossa experiência nesse sentido pode reduzir-se a alguns pequenos esquemas que apenas têm utilidade didáctica e que nos ajudarão talvez a compreender o ponto em que nos encontramos em relação a este problema do estabelecimento duma autoridade geral à escala do planeta.

Antes da era gâmica, tínhamos uma experiência europeia com tendência à concepção duma zona cultural a que todos pertencíamos. Esse era, por exemplo, o testemunho de Erasmo, quando dizia que nós devíamos ser antes de tudo cristãos e, depois, combater os Turcos. Em todo o caso, o fenómeno que se desenrolava nessa época era diferente do que ele pensava ser e que nos conduziu à situação em que hoje nos encontramos.

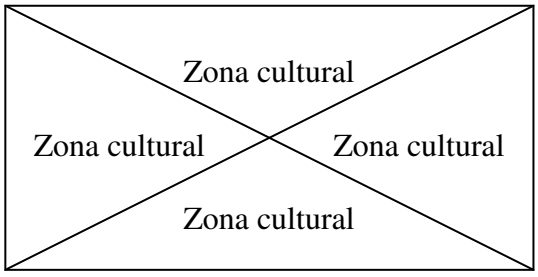
Em primeiro lugar, temos uma experiência de zonas culturais a que as pessoas se sentem ligadas, como a um património comum, sem que haja coincidência entre a zona cultural e o poder político. É uma experiência que a Grécia possuía já. Todos os Gregos sentiam-se Gregos, pertenciam, por conseguinte, a uma mesma zona cultural, mas essa zona cultural estava dividida em diferentes poderes políticos.

ZONA CULTURAL



A primeira grande experiência do Estado universal no sentido indicado, ou seja, de poder político estendendo-se a comunidades ligadas a sistemas culturais diferenciados, foi realizada por um Bárbaro, Alexandre. E ela é confirmada por uma estrutura política que está talvez na base da ideia que ainda por vezes fazemos da Europa, ou seja, pelo Império Romano. Aqui, o sistema aparece completamente diferente, uma vez que acontece que há zonas culturais diferenciadas, submetidas a um só poder político.

PODER POLÍTICO



Ora, quando aqueles homens do século XVII, em plena era gâmica, elaboram os seus projectos de paz perpétua – e nesse sentido temos o testemunho do primeiro Europeu que foi Erasmo – pensam que o primeiro dever da cristandade é de tomar consciência da república cristã, por constituir uma unidade e, quer o digam ou não, quer tenham disso consciência ou não – bem parece que eles desejavam um sistema em que o espaço cultural correspondesse ao espaço político. E foi efectivamente nesse sentido que as coisas evoluíram, não seguindo aquela linha universal da unidade do género humano, mas precisamente seguindo a linha que se cristalizou na tradição de Machiavel. Pois que é o princípio nacional que se afirmará na Europa. Vamos aqui encontrar uma tentativa de organização em que, a cada zona cultural, corresponde um poder político, aquilo a que chamamos o Estado nacional.

ZONA NACIONAL

Poder político

4. No entanto, não perdemos por isso a lembrança da unidade que havia já existido sob um poder político único, como é o caso do Império Romano, nem a expressão, mais cultural que política, a que chamámos República Cristã e que Voltaire deveria chamar igualmente a República das Letras. Contudo, um elemento novo surgiu, sobre o qual poderia ser fundada a unidade e que poderia servir a pôr fim a esta divisão armada da nação cristã, objectivo visado pelos projectos de Estado universal do século XVII que mencionei. Esse elemento foi a ideia da missão nacional.

Cada país começa a invocar uma missão nacional. Seguidamente, da conjugação dessas missões nacionais resultou a definição dum espaço supranacional ao qual todos sentiam pertencer, mas com um elemento característico muito importante: é que esses espaços eram o resultado da concorrência das missões de cada unidade política, eram espaços *informais*. Dito doutra maneira, sem nenhuma organização política, sem nenhum poder que impusesse a coexistência pacífica ou a resolução pacífica dos conflitos que surgiriam eventualmente entre eles. E foi assim que vivemos toda a era gâmica até à época das guerras mundiais; até que, 200 anos após o projecto de Saint-Pierre, que foi considerado ridículo na sua época, apareceu a primeira Sociedade das Nações. Foi então que surgiu de novo o problema da organização do Estado universal, isto é, duma autoridade qualquer que pudesse, de alguma maneira, impor uma regra, uma moral internacional, uma autoridade qualquer correspondendo ao sentimento ou à tomada de consciência da unidade do género humano, uma autoridade que se inscrevesse na linha abandonada pelos autores dos projectos do século XVII, que tinha sido eliminada em favor da tradição maquiavélica.

Simplesmente, há um fenómeno extremamente importante na organização política do mundo, que não é tida em conta geralmente nem pelos profetas, nem pelos precursores, nem pelos mestres: é que a base de solidariedades é sempre constituída por interesses comuns e não se conhece, por mais lamentável que seja esta conclusão, nenhum fenómeno de fusão voluntária de unidades políticas que não seja consequência ou o reconhecimento da existência de interesses comuns. Uma das razões da falência dos projectos de organização planetária reside precisamente no facto de o verbo ter tido igualmente uma ocasião para se manifestar e o verbo manifestou-se aqui antes que os factos estivessem preparados a ser por ele modelados. Dizendo doutro modo: era necessário, antes de mais, que os povos tomassem consciência da existência de interesses comuns, cuja salvaguarda lhes renderia a união indispensável para que o Estado universal, enquanto autoridade efectiva, pudesse ser estabelecido. Ora, enquanto que toda a era gâmica foi precisamente caracterizada pelo desenvolvimento duma acção política que mergulhava as suas raízes no pensamento e na tradição de Machiavel e que, tudo o que se pôde obter, foi que a oposição dos factos limitou a expansão que cada grupo político reclamava, hoje em dia os problemas foram definidos; começou-se a ver surgir os interesses fundamentais do género humano que, esses, são da natureza desses interesses que não é costume serem salvaguardados senão por uma autoridade comum. Noutros termos: o princípio da igualdade do género humano que foi proclamado pelo cristianismo, cuja bondade foi demonstrada pela era gâmica, que foi aplicada na acção de interpenetração cultural que caracterizou a posição nacional de alguns países, pelo menos do nosso (experiência limitada em face do maquiavelismo dominante), esse princípio encontra-se hoje perante uma situação em que os interesses comuns da humanidade são de natureza a obrigar a pensar seriamente na necessidade duma autoridade internacional.

5. Iremos tentar enumerar apenas alguns desses interesses que parecem exigir o estabelecimento duma autoridade internacional. O que ninguém consegue predizer é quantos anos serão necessários para estabelecer essa autoridade internacional, nem ninguém se

aventurará a formular um julgamento do género do que formulou o abade de Saint-Pierre, quando predisse, com um avanço de 200 anos, a instituição duma espécie de parlamento internacional.

O primeiro problema que parece traduzir um interesse comum ao género humano e exigir uma autoridade internacional é precisamente o da paz. Chegámos a um ponto da nossa evolução em que a tradição maquiavélica, que dominou toda a era gâmica, nos conduziu a um equilíbrio de impotência dos maiores países do mundo. De forma que essa impotência se traduz por uma verdadeira paralisia em relação à maior parte dos problemas que os afectam, o que implica que, sempre que eles consideram um interesse como vital e que sentem necessidade de recorrer ao argumento final que é a força, isso pode acarretar a destruição do género humano.

Estas palavras não têm qualquer importância quando são pronunciadas pelos professores nas escolas, mas são muito importantes quando as encontramos nos discursos de homens como o general Mac Arthur que, após ter abandonado as suas funções de comandante em chefe do Oriente, parece ter-se apercebido do risco que ele tinha feito correr, quando pensava que o poder atómico deveria talvez ser empregado e quando, ele próprio, num discurso pronunciado nessa data, chamou a atenção para o facto de que o uso da força atómica detida por um Estado poderia engendrar a destruição da humanidade. São palavras igualmente trágicas as que foram pronunciadas pelo general Eisenhower no importante discurso que dirigiu à nação americana antes de abandonar a presidência dos Estados Unidos quando, no final do seu mandato, e certamente consciente de que tinha chegado ao fim da sua vida política, declarou: «O Estado que dirigi é hoje um complexo militar e industrial que pode conduzir à destruição da humanidade, pois o poder que detém é suficiente para destruir a humanidade.» Daí as tentativas que fez, e de que todos nos lembraremos, no sentido de definir uma qualquer forma de coexistência pacífica.

Parece claro que a situação que acabo de descrever arrasta inevitavelmente esta consequência: na medida em que os maiores países do mundo detêm o poder suficiente para destruir a totalidade do género humano, no caso de eles se decidirem a utilizá-lo em defesa de interesses que eles consideram como fundamentais, isso implica que se encontram igualmente paralisados em relação aos interesses menores, visto que não podem arriscar a sua própria existência na defesa desses interesses. Mas isto é uma consequência terrível, que abre uma larga margem à irresponsabilidade das pequenas e médias potências, que têm um vasto campo livre para perturbar a paz do mundo. E é esta a razão por que precisamente os países grandes podem depender dum país pequeno, duma potência média que, não tendo nem o sentido das responsabilidades, nem a força dos grandes países, poderia arrastá-los para um conflito que eles considerassem vital. Se bem me expliquei, poderia tirar deste facto uma conclusão, que seria a de que hoje a paz é indivisível. E a paz é indivisível não somente do ponto de vista moral, isto é, condenável do ponto de vista moral, não somente indivisível no sentido de que não importa qual é o país que pode declarar a guerra, mas muito mais indivisível no sentido de que toda a guerra pode conduzir à destruição do género humano. Temos indiscutivelmente aqui um interesse comum do género humano que sugere a necessidade de uma autoridade internacional.

O segundo ponto que me parece definir um interesse comum da nossa época e que parece preconizar a necessidade de uma autoridade internacional é a explosão demográfica. A explosão demográfica inquieta hoje as principais autoridades espirituais do mundo e inquieta correlativamente todos os Estados; e essas são inquietações solidárias porque nenhum Estado não se aventura a agir nesta matéria em desacordo com as regras estabelecidas pelas autoridades espirituais supremas. Mas enquanto não seja estabelecido um método qualquer para controlar a explosão demográfica (e se for possível estabelecê-la, será preciso convencer os povos a utilizá-la), alguns observadores constatam que o mundo dispõe ainda de excedentes de recursos suficientes para assegurar as necessidades da população. E então a consciência da unidade do género humano, que a era gâmica enraizou, indica-nos uma solução possível: é que deixemos de pensar que os recursos do mundo estão reservados ao privilegiados, ao grupo dos Estados privilegiados; ela conduz-nos a estimar ou a recordar que o mundo foi feito para o homem e que, consequentemente, a totalidade dos recursos do mundo deve estar ao serviço da totalidade do género humano. Isto faz com que a explosão demográfica se manifeste como um problema

fundamental de interesse comum do género humano, que exige alguma autoridade internacional. Sobretudo (e este é o aspecto fundamental) na medida em que esta explosão demográfica é acompanhada do terrível fenómeno da fome, que faz com que apenas um em cada cinco pessoas disponha em cada dia de alimentação suficiente, o que sublinha necessariamente as oposições fundamentais e particulares da nossa época, nomeadamente a oposição entre países ricos e países pobres. Uma oposição que é das mais graves e explosivas e, em consequência, este problema da fome parece provar que estamos em presença duma questão que exige uma autoridade internacional.

Existe, finalmente, um terceiro problema decorrente precisamente do facto que nos leva a pensar que estamos no fim da era gâmica e no início da era interplanetária.

Em breve, segundo o que se anuncia, e ouvimo-lo afirmar neste colóquio, um russo ou um americano alcançará a lua (e isto, conforme nos dizem, não terá uma grande importância, pois trata-se duma pequena etapa, a mais pequena). Toda a humanidade se preocupa com isto, pois está aí um interesse comum do género humano. Seria bom que não fosse nem um russo nem um americano que alcançasse a lua; era necessário que fosse simplesmente um homem. E isto porque seria para nós uma certeza que este desenvolvimento espectacular da técnica não seria operado contra os interesses gerais da humanidade, contra os interesses gerais do género humano.

Estes problemas, os da indivisibilidade da paz, a explosão demográfica, a fome e o subdesenvolvimento, a presença humana no espaço interplanetário, parecem constituir hoje interesses fundamentais suficientes do conjunto do género humano para nos levar a reconhecer a necessidade de uma autoridade internacional. A marcha para uma solução deste género será necessariamente lenta. A nossa experiência do passado, a dificuldade que temos sempre tido em realizar quaisquer ideias simples e generosas, imediatamente compreensíveis, mas sempre muito difíceis de executar, permitem-nos prever que o estabelecimento duma autoridade deste género não será fácil, rápida e eficaz a breve trecho. Há, contudo, uma coisa que surge, aparentemente, como evidente ao nosso espírito: é que esta é uma imposição dos factos.

Isto implica igualmente que a humanidade tenha tomado consciência duma consequência que parece não estar sempre presente no espírito dos condutores do mundo: parece que a realização de qualquer grande ideia exigiu sempre um profeta, mais do que um profeta, alguém que fosse o símbolo disposto a sacrificar-se a essa ideia, a assumir dela as responsabilidades. Nunca houve um grande sistema no mundo que não exigisse um homem, um povo ou um grupo para ser o seu intérprete ou o seu arauto, encarregado de realizar o valor essencial que represente esse grande sistema ou essa grande ideia. Tivemos homens eleitos, classes eleitas, povos eleitos de Deus. Seria o momento de admitir que o género humano inteiro é eleito de Deus.

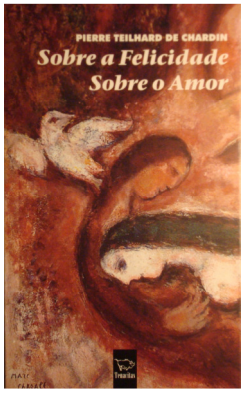
ΩΩΩ

AAPTCP – *Actividades*

- 25 de Fevereiro 2009: **Assembleia-geral Ordinária**, que aprovou o Relatório e as Contas de 2008, bem como o Plano e Orçamento para 2009. Presidiu o Sr. Prof. Adriano Moreira, Presidente da Mesa.
- 13-15 de Março 2009: Realização nos dias do **3º Retiro Anual da AAPTCP**, sob a orientação do Padre Vasco Pinto de Magalhães sj, que teve lugar na Casa de Retiros de Santo Inácio, Praia Grande.
- 8 de Maio 2009: participação na sessão da Academia das Ciências de Lisboa da recepção ao **Príncipe Aga Khan** como académico da Classe de Letras.
- Edição do nº 4º da versão portuguesa da revista internacional **"Teilhard Hoje na Europa"**.
- 18 de Junho 2009: participação na cerimónia solene da Universidade Nova de Lisboa de atribuição do grau de **Doutor *Honoris Causa* ao Prof. Luís Archer**, que é Sócio Honorário da AAPTCP.
- 22 de Junho 2009: conferência da **Profª Anna Feitosa** na igreja de S. J. de Deus, assinalando o 3º aniversário da AAPTCP, seguida da celebração duma Eucaristia, igualmente comemorativa das datas de nascimento e morte de Pierre Teilhard de Chardin, respectivamente 1 de Maio e 10 de Abril.

OBRAS de TEILHARD – *à venda na AAPTCP*

Sobre a Felicidade, sobre o Amor

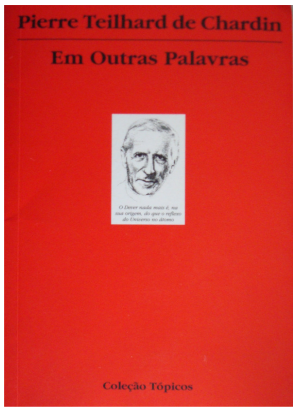


Pierre Teilhard de Chardin *(Tenacitas, Coimbra, 2008)*

Este pequeno livro de Pierre Teilhard de Chardin – padre jesuíta, reconhecido cientista e crente desassombrado – reúne um conjunto variado de textos: reflexões, discursos de casamento, uma história de alpinistas e extractos de ensaios mais extensos. Nesta obra, Teilhard de Chardin ajuda-nos a entender em profundidade a condição humana e oferece um todo coerente, teórico-prático, sobre a felicidade e o amor, conduzido por uma perspectiva muito particular que torna real o ideal e possibilita a felicidade como um ir mais além de si mesmo e das gratificações imediatas, mas enganadoras.

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

"Pierre Teilhard de Chardin, em outras palavras"



textos de Teilhard coligidos por Jean-Pierre Demoulin,
Colecção Tópicos, ed. Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 2006
(Formato 12.5 x 18.5 cm, 265 pág.)

Tradução da notícia de contra-capa da edição francesa de 2005 (*"Je m'explique"*, Seuil) : Este livro, inteiramente revisto e aumentado em relação à primeira edição (1966), é uma selecção de textos a partir da obra do Padre Teilhard de Chardin. É o único que apresenta em conjunto o pensamento teilhardiano estruturado segundo as suas próprias indicações e reproduzindo unicamente os seus próprios textos. Foi concebido por Jean-Pierre Demoulin para constituir um panorama completo, racional e coerente do pensamento de Teilhard, a fim de convidar à leitura da obra em si e permitir a todos uma entrada na grande síntese teilhardiana, na sua "visão" crística e cósmica. Essa visão de Teilhard atinge a sua mais perfeita expressão num escrito do final da sua vida, intitulado *Le Christique*: «A Energia fazendo-se presença. E, deste modo, abrindo-se ao Homem a possibilidade não só de crer e esperar, mas de *amar*, co-extensivamente e co-organicamente com todo o passado, o presente e o futuro do Universo em vias de concentração sobre si próprio. Pareceria que um único raio duma tal luz, incidindo como centelha sobre a Noosfera, deveria provocar uma explosão suficientemente forte para abrasar e renovar quase instantaneamente a Terra».
Jean-Pierre Demoulin , doutorado em medicina, é presidente do Centre Belge Teilhard de Chardin e membro da Fondation Teilhard de Chardin (Paris).

Estas obras podem ser adquiridas através da

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN EM PORTUGAL
Rua Vila de Catió, 397 – 6º esq., 1800-348 LISBOA
teilhard.portugal@sapo.pt

devendo para o efeito os interessados enviar cópia deste talão de pedido para o endereço postal indicado ou comunicá-lo por e-mail, fornecendo todos os dados.

Custo do envio dos livros à cobrança, ***incluindo portes de correio:***

"Sobre a Felicidade, sobre o Amor" - € 7.50
"Pierre Teilhard de Chardin, em outras palavras" - €25.00

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____

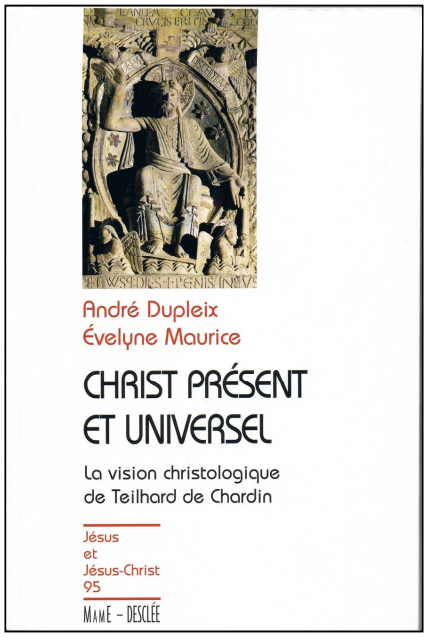
Contacto telefónico e/ou e-mail: _____

«CHRIST PRÉSENT ET UNIVERSEL»

la vision christologique de Teilhard de Chardin

André Dupleix

Évelyne Maurice



Resumo de contra-capa (tradução): "Profundamente enraizado na Escritura e na Tradição da Igreja, a visão de Cristo de Teilhard de Chardin desde sempre se articulou com uma compreensão científica do mundo de molde a alimentar uma convicção espiritual e teológica profunda: Cristo está no centro da Revelação, do universo em devir e da vida da Igreja. Mas, mesmo não se tendo nunca Teilhard permitido uma cristologia sistemática, faltava recuperar, organizar, explicitar e avaliar uma incontestável dimensão cristológica do seu pensamento. É este precisamente o objectivo e interesse da presente obra, organizada em três grandes partes: a primeira, examina as estruturas espirituais e intelectuais que permitiram o desenvolvimento do pensamento de Teilhard de Chardin; a segunda, apresenta o conteúdo tematizado da sua visão cristológica; a terceira, encara as consequências éticas e pastorais dessa visão para uma existência crente, cuja missão é a de «transmitir hoje o Cristo de maneira audível e compreensível» ".

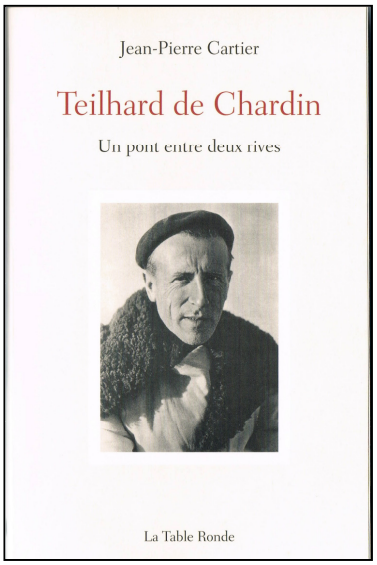
André Dupleix é Doutor em Teologia e autor de uma vasta obra sobre Teilhard de Chardin, onde se conta "15 Dias com Teilhard de Chardin" (editado em Portugal pela Paulus). **Évelyne Maurice** é Doutora em Teologia e membro da faculdade de teologia das Faculdades jesuítas de Paris (Centre Sèvres).

Mame-Desclée, Paris, 2008

«Teilhard de Chardin»

Un pont entre deux rives

Jean-Pierre Cartier



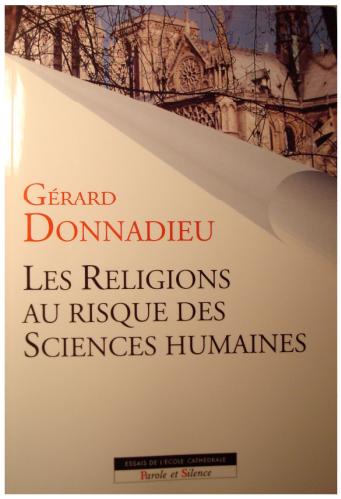
Resumo de contra-capa (tradução): "Este livro sobre Teilhard é uma peregrinação espiritual que se inicia em Sarcenat, localidade de Auvergne (França) donde era originária a família do sábio, padre, filósofo e místico. A vida Teilhard foi tanto apaixonada como austera, como ele próprio o foi exactamente. Jean-Pierre Cartier descobriu-o por ocasião duma reportagem que ele fez para o *Paris Match.* Ficou fascinado. Para além das linhas duma biografia apaixonante, este livro é a história dum estreito laço entre o autor e o seu modelo. O maior pensador da Igreja, durante muito tempo perseguido pela hierarquia, era, em todas as acepções do termo, um homem ardente e apaixonado. Cartier revela-nos a sua extraordinária natureza, ao mesmo tempo que nos inicia na sua visão. Poucos livros serão tão capazes de restituir a esperança àqueles que procuram e se procuram na noite".

Jean-Pierre Cartier dedica-se à problemática da reconciliação ecuménica, tendo dedicado algumas das suas obras a Thich Nhat Hanh, Pierre Rabhi e Ramakrishna.

La Table Ronde, Paris, 2007

«Les Religions au Risque des Sciences Humaines»

A mais recente obra do Prof. Gérard Donnadieu intitula-se *"Les Religions au Risque des Sciences Humaines"* (Parole et Silence, Paris, 2006). Este livro é uma obra de síntese de conjunto do fenómeno religioso, abordado a partir das diferentes ciências humanas aí implicadas: antropologia, sociologia, história, psicologia e psicanálise, simiologia, linguística, hermenêutica. Nesta obra, o autor dá uma visão transdisciplinar, integrada e global, e, recorrendo a uma abordagem sistémica, oferece ao leitor uma síntese sem equivalente na literatura francesa ou anglo-saxónica de hoje. Por esta razão, dirige-se a todos os que, investigadores, estudantes de ciências humanas, responsáveis políticos, militares, dirigentes de empresa, se interessam pelo papel do factor religioso no processo actual de globalização e desejam compreendê-lo. O leitor aperceber-se-á da conivência secreta que existe entre o velho tronco cristão e os frutos intelectuais mais saborosos da modernidade. *(288 páginas)*



O Prof. Gérard Donnadieu é *Ingénieur des Arts et Métiers*, Doutor em Ciências Físicas, Mestre em Ciências e Teologia das religiões, ex-membro do *Conseil Économique et Social*, Director de Estudos no *Institut Entreprise et Personnel*, Professor Associado do *IAE de Paris (Université Paris I)*, Professor na *École Cathédrale de Paris*, no *Collège des Bernardins*, Paris, onde rege os cursos **Teilhard de Chardin**. É Presidente da ***Association des Amis de Pierre Teilhard de Chardin, Paris***. Em Dezembro de 2008, esteve em Lisboa e proferiu, a convite da AAPTCP, uma conferência sob o título "Pierre Teilhard de Chardin: Visionnaire scientifique, social et religieux", cujo texto se publicou no nº 3 da versão de Portugal da Revista Teilhard Hoje na Europa.

Esta obra pode ser encomendada directamente à Associação francesa
(ver ficha de encomenda abaixo)

BON DE COMMANDE
à adresser à l'Association des Amis de Pierre Teilhard de Chardin
B.P. 90 001 – 75221 PARIS CEDEX 05
Veuillez me faire parvenir exemplaire(s) du livre
« **Les religions au risques des sciences humaines** »
au prix de 26 € + 4 € de frais de port, soit un total de €……
NOM : …… Prénom : ……
Adresse :
……
Téléphone : ……
Ci-joint un chèque de : €……..

Pensamentos escolhidos por Fernande Tardivel
(Teilhard de Chardin, "Hino do Universo", Ed. Notícias,
2ª ed., 1996, tradução de Miguel Serras Pereira)

SIM, MEU DEUS, EU CREIO:
e creio de melhor vontade ainda por não estar apenas em jogo o meu sossego, mas também a minha realização: sois Vós que estais na origem do impulso e no termo da atracção, cujo primeiro ímpeto e cujas linhas de evolução não faço, a minha vida inteira, outra coisa que não seja segui-los. E sois Vós, também, que vivificais para mim, com a Vossa omnipresença (melhor ainda do que o meu espírito o faz com a Matéria que anima) as miríades de influências de que sou objecto a cada instante. Na Vida que brota em mim, e nesta Matéria que me suporta, descubro mais do que dons Vossos: sois Vós próprio que eu descubro, Vós que me fazeis participar no Vosso Ser, e que me moldais. Na realidade, na regulação e na modulação inicial da minha força vital, no jogo favoravelmente contínuo das causas segundas, toco, tão de perto quanto possível, as duas faces da Vossa acção criadora; encontro e beijo as Vossas duas maravilhosas mãos: a que aperta tão profundamente que se confunde, em nós, com as origens da Vida, e a que abraça tão largamente que, à sua mínima pressão, todas as molas do Universo harmoniosamente se vergam ao mesmo tempo. Pela sua própria natureza, estas bem-aventuradas passividades que são para mim a vontade de ser, o gosto de ser isto ou aquilo, e a oportunidade de me realizar a meu gosto, carregam-se da Vossa influência – uma influência que me surgirá, em breve, mais distintamente como a energia organizadora do Corpo Místico. Para convosco comungar nelas, numa comunhão fontal (a Comunhão com as fontes da Vida), basta-me reconhecer-Vos nelas e pedir-Vos para aí ficardes cada vez mais.

« ***Le Milieu Divin*** », (Tomo IV, Obras Completas)

LA PENSÉE de Teilhard

« *L'originalité de ma croyance est qu'elle a ses racines dans deux domaines de vie habituellement considérés comme antagonistes. Par éducation et par formation intellectuelle, j'appartiens aux 'enfants du Ciel'. Mais par tempérament et par études professionnelles je suis 'un enfant de la Terre'. Placé ainsi par la vie au cœur de deux mondes dont je connais, par une expérience familière, la théorie, la langue, les sentiments, je n'ai dressé aucune cloison intérieure. Mais j'ai laissé réagir en pleine liberté l'une sur l'autre, au fond de moi-même, deux influences apparemment contraires. Or, au terme de cette opération, après trente ans consacrés à la poursuite de l'unité intérieure, j'ai l'impression qu'une synthèse s'est opérée naturellement entre les deux courants qui me sollicitent. Ceci n'a pas tué mais renforcé cela. Aujourd'hui je crois probablement mieux que jamais en Dieu, – et certainement plus que jamais au Monde. N'y a-t-il pas là, à une échelle individuelle, la solution particulière, au moins ébauchée, du grand problème spirituel auquel se heurte, à l'heure présente, le front marchant de l'humanité ?* ».

(«Comment je crois», *1934, Tome X*)
Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin.
Divulgue a AAPTCP